

Sua ex.<sup>a</sup> o conde de tomar está a espreitar, e os dedos lhe parecem hospedes, na incerteza de o irem ou não seringar, com as perguntas relativas a porcellana, caleche, Alfeite, etc. etc., e como não tem havido até hoje novidade, vai sempre espreitando, mas em perfeito estado na sua importante saude.



as proximidades de S. Bento estere segunda feira o diabo solto. S. ex.<sup>a</sup> Antonio José d'Avilá esquentou-se, por negocios de carta velha!

Ha 2 annos era velha, e precisava as roupinhas concertadas, agora não é velha, e está muito bem remendada! O patusco despiu o Jozezinho (palavras de catavento, liv. 1.º, est. 3.º) e parecia o Mancusi no Barbeiro de Sevilha. S. ex.<sup>a</sup> deitou uns olhos para a galeria onde estavam sete dos redactores do Burlesco, e parecia que os queria papar! S. ex.<sup>a</sup> quer estar no seu direito para seringar, mas não quer direito para ser seringado. Quer obra de funil, o largo para si, e delgado para os mais. Na sua retaguarda estava o rapaz das Mercês, fallando muito em volcões, crateras, lavas, etc. etc., pareceu-nos até que era um bocado de pedra pomes que estava a fallar.

Depois, o Rebellinho de zangado com a historia, tanto roeu nas unhas que por fim comeu as pontas dos dedos « méminho, seu visinho, pai de todos, fura bollos, e mata piolhos. » S. ex.<sup>a</sup> não tem já senão dois terços do comprimento em cada dedo, o resto foi pela goela abaixo. Póde apresentar-se no asylo, porque está no caso de ser admittido.

Todas as cousas pódem ser emendadas. A carta de quem Antonio, outro Antonio, e outros que não são Antonios, fizeram papagaios, e estavam proximos a atira-los por esses ares, não póde ser concertada (no entender dos moradores da direita) e reduzida a estado que dure, sem ser preciso para o futuro tomar-lhe passagens, nem deitar-lhes remendos mal alinhavados! Não

é conveniente que seja inflexivel para se poder dobrar, amarrotar, embrulhar, e até fazer papellotes. Esta é que é a grande questão; e para o afirmar despem-se até os Jozezinhos!!



Estamos authorisados a declarar que mr. Rebellinho antes quer andar de sobrecasaca, e zenir com frio, do que trazer um albornoz (a que elle chama Jozezinho), mas porque? porque sabe que o Burlesco se algum dia o vir de albornoz hade seringalo. Por consequencia, Rebellinho de albornoz; Lopes Blanche de collete preto; Bayardo sem gravata de porcellana; Caldeirinha sem banha; Albano sem seringa; Coroscante sem chinó; e Burlesco sem caricatura, são cousas que ninguem deixará jámais de vêr.

**REVISTA DE 1851**

Em 5 actos e 1 prologo.

(Continuação).

ACTO III.

Quadro primeiro.

Um baile em casa do conde .... da porcellana.

PERSONAGENS DO 3.º ACTO.—Julião, Antonio, João, convidados, etc.

O theatro representa uma sala de baile, ornada com o maior luxo e elegancia possivel. As paredes são todas guarnecidas = de grossos, grandes e ricos espelhos. = Aos cantos talhas de porcellana, lustres, placas, castiças, tudo com vélas acezas; está illuminado como se fosse a luz electrica, e parece o salão de um visir. E' noite de baile. Ao levantar o panno a scena está deserta.

Julião (entrando).—Tenho tanto somno, e estou tão mole como um bacalhau portuguez antes de ser salgado, e eu na verdade ando por arames ... mas ... é verdade, eu estou no meu elemento sem o saber (tira o nariz, encaixa-o na bengalilha, e começa a apagar as vélas, dizendo) ora isto não se faz em casa do patrão, mas se eu jurei apagar tudo que encontrasse acezo, eu cá sou assim. Bem!

Está tudo escuro como umas botas; muito hão-de gostar os convidados quando vierem ... ai! ... ai! (tropeça em uma meza, cáe, e começa a ladrar).

Antonio (entrando):

Que pouca vergonha é esta? Quem se atreveu a escurecer a festa? Mas, ... ah, quem está ahí: beu beu.

Julião (cantando):

Sou eu, sou eu, sou eu, Meu senhor, eu não sou cão, Sou o seu amigo Julião Que ao mundo vim só para apagar: Vi luzes; e havia ficar Sem minhas funções exercer? E V. ex.<sup>a</sup> que havia dizer?

Antonio (cantando):

E' verdade, tem razão, E se não fosses tu, ratão, Exquisito, e semsabor, Esmagava-te o apagador.

Julião. — Então perdoa ao seu Julião?

Antonio. — Está perdoado o sr. lingueirão.

João (entrando). — O' Antonio! Antonio.

Antonio. — Que queres tu?

João. — Então isto está ás escuras a estas horas, quando já vem tanta gente; nós queremos walsar, polkar, contradançar, mazurkar, redowar, galopar, schotizar, e tudo quanto fôr em ar.....

Antonio. — Menos isso, aqui mazurkase, e lá fóra rouba-se.

Julião. — Que é isso, que é isso? então não saío, não quero ficar sem o albornós.

Antonio. — Isto cá é outra conversa.

Julião (levantando-se). — Bem, isso é outro caso.

João. — Então ficamos em quarta feira de trévas?

Antonio. — Chama o criado; é verdade, toca a campainha.

João. — (Começa com a campainha, zás que trás.)

Antonio. — Então tocas, ou não tocas?

João. — Ai que me não lembrava, que tinha perdido o badallo! Ora esta, eu sempre sou um asno; já me tinha esquecido.

Julião. — Se querem alguma cousa, aqui estou eu, é algum recado?

Antonio. — Queremos acender as vélas, os creados estão longe não ouvem; tu trazes fosforos.

Julião. — Isso é contraproducente, pois então um apagador póde nunca conciliar-se com os fosforos, que são acendedores?!

João } E' verdade.  
Antonio }

João — Eu tenho fosforos (acende um, e com elle acende as vélas, e diz) cuidado com esse senhor.

Antonio. — Elle agora já não apaga, está aqui muito quietinho, não é assim?

Julião. — Manda quem póde, que re-

medio ha. Eu ou heide apagar ou dormir.  
Antonio.—Pois então vai alli para aquelle cantinho, e senta-te para veres se adormeces.

(Julião vai, senta-se no chão, e fica parecendo um pobreziinho sentado á porta da igreja.)

Antonio } Que figura (riem-se.)  
João }

Julião.—A' ladrões que me estão se-  
ringando, e eu vendo tantas luzes, sem  
poder ser senhor das minhas acções, sem  
poder trabalhar pelo meu officio, antes eu  
nunca tivesse um apagador (tira o nariz  
da bengallinha, e colloca-o no seu lugar.)

(Entram os convidados, que são — Ba-  
rões, Aldrões, Figurões, Castellões,

Parões, Falcões, Rectas, Patetas, Foetas,  
Rebellos, Camellos, Cabellos, Fronteiras,  
Caldeiras, Coroscantes, Meliantes,  
Dultras, e outros não plus ultras.

Um dos convidados.—V. ex.<sup>a</sup> dá licença  
que cantemos em côro o que temos estudado?

Antonio.—Com muito gosto.  
(Cantam o seguinte coró)

A dispetto degli avari  
Qui si coniano i contanti.  
Se arte vera e il far denari  
L'arte nostra equal non ha.  
Che doblioni lampeggianti  
Che superbi colonnati!  
Falsi, e veri mescolati  
Correram per la citta.

1.<sup>o</sup>  
2.<sup>o</sup>

Côro. E la mano che il fabbrica,  
Qui sotterra nel mistero,  
Illudendo ogni pensiero,  
Sempre arcano resterà.

Todos.—Bravo, bravo, bravo.  
(Continua.)

N. B. Em consequencia de ter o Burlesco com que se entreter hoje, e de urgencia, sente muito do seu coração não poder finalizar hoje este acto, e não apresentar o homem do catavento, o que fará no proximo numero.

Os Redactores.

Responsavel — M. de J. Coelho

Typographia de Manoel de Jesus Coelho  
Rua do Pogo dos Negros n.º 54.

